



FESTIVAL HABITABIS

Documento da 1ª Edição do Festival Habitabis,
Lisboa 2018 | Desenvolvido pelo Colectivo Warehouse





PORTUGAL
PM - MIGUL GR



35

35



I HABITABIS FESTIVAL

O que é o Habitabis?

Manifesto Habitabis, como chegamos aqui?

II METODOLOGIA HABITABIS

Com quem?

Metodologias e Objectivos

// Formato Conferências

// Formato Sessões de Trabalho

Diagnóstico | Princípios Fundamentais

Apresentação e Reflexão |

Abordagens Colaborativas | Debate final

Resultados

III 1º EDIÇÃO HABITABIS

Protótipo Habitabis

Habitabis em Números

Resultados Não-Mensuráveis

Resultados Mensuráveis

// Conclusão e Diagnóstico

Direitos e Deveres | Relações: Confrontos
e Alinhamentos | Comunidades/Culturas |
Edificado e Habitat

// Definição dos Princípios Fundamentais

Direitos e Deveres | Relações: Confrontos
e Alinhamentos | Comunidades/Culturas |
Edificado e Habitat

// Conclusão e Debate Final ... tendo como ponto
de partida as Abordagens Colaborativas

Conceitos-Chave essenciais para o
desenvolvimento destes processos

IV FUTURO



Conteúdos **Colectivo Warehouse**

Design Gráfico e Paginação **Inês Coimbra**

Todas as fotografias tiradas da 1ª Edição do Festival Habitabis são da autoria do **UNTOLD**

O Habitabis é conceito original do Colectivo Warehouse.

Apoios à 1ª Edição do Festival Habitabis 2018:





HABITABIS FESTIVAL

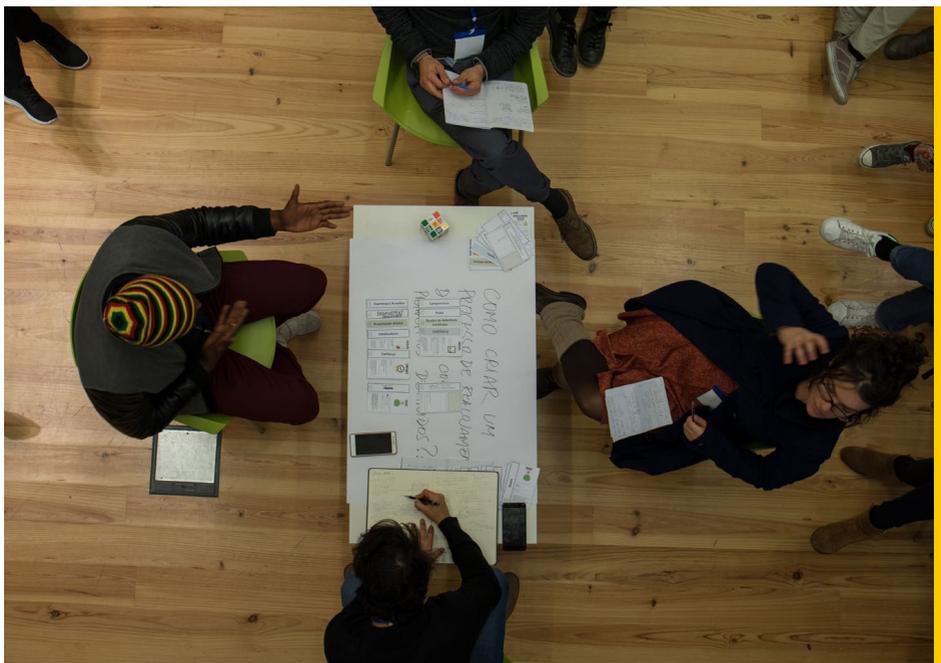
O que é o habitabis?

Manifesto Habitabis, como chegamos aqui?

*“É um festival,
uma metodologia,
uma ferramenta.”*

8

O **Habitabis Festival** é uma ferramenta de colaboração com base no formato de festival, que aborda os temas do **Realojamento** e da **Habitação Social**, promovendo conferências, workshops e debates entre instituições, técnicos e comunidades com o objectivo de produzir processos mais inclusivos.



MANIFESTO HABITABIS

Enquanto **Colectivo Warehouse**, temos trabalhado regularmente em bairros de habitação pública – os chamados bairros sociais – e em bairros informais, autoconstruídos com graves carências sociais e habitacionais. O contacto directo com estas populações tem-nos obrigado a reflectir muito sobre os programas e as ferramentas que actualmente dispomos para a superação das suas barreiras sociais e urbanas, e dos seus direitos como cidadãos.

Ainda neste contexto, deparámo-nos com a problemática de como desenhar conjuntamente um processo de realojamento que não repita as falhas de outros planos e de outras épocas, e que não substitua um velho erro por um novo erro.

Temos vindo a ter contacto com iniciativas de valor e projectos com realidades comuns, mas que acontecem pontual e individualmente, perdendo muitas vezes uma visibilidade abrangente e consequentemente a capacidade de partilhar os seus resultados, acima de tudo com outros agentes que não os seus pares. Como provocação, referimo-nos às conferências e exposições de arquitectos para arquitectos. Ou às discussões de programas de habitação à porta-fechada. Ou até a criação de boas ferramentas políticas que nunca chegam ao conhecimento de quem delas precisa.

É com optimismo que actualmente vemos alguns destes actores abrirem as suas portas, e o seu trabalho, ainda que seja fruto da sua individualidade e não de uma política ou visão conjunta. Percebemos então a pertinência destas experiências e destas iniciativas, informarem e capacitarem as comunidades dos bairros, e dessa forma potenciarem não só o acesso à informação mas acima de tudo a capacidade para que estes contribuam para a construção do seu próprio futuro. Cresceu assim em nós, **Colectivo Warehouse**, a vontade de criar algo que contribuísse para quebrar este fosso de informação e esta limitação do acesso à mesma.

É desta forma que nasce o conceito do **Habitabis Festival** e a ideia de partilhar, no mesmo lugar, experiências, projectos, visões e ferramentas entre instituições decisoras, técnicos e associações que trabalham no terreno e as comunidades que vivem nestes contextos.

Desenvolvido pelo *Colectivo Warehouse*, foi financiado na sua fase inicial por uma *Bolsa R&D da European Cultural Foundation*, contando com o apoio da *Câmara Municipal de Lisboa*, *BLX – Bibliotecas de Lisboa e ROCK project*; *Trienal de Arquitectura de Lisboa*; *Cooperativa RUMO*; e *UNTOLD – stories of places*.



METODOLOGIA HABITABIS

Com quem?

Metodologias e Objectivos

// Formato Conferências

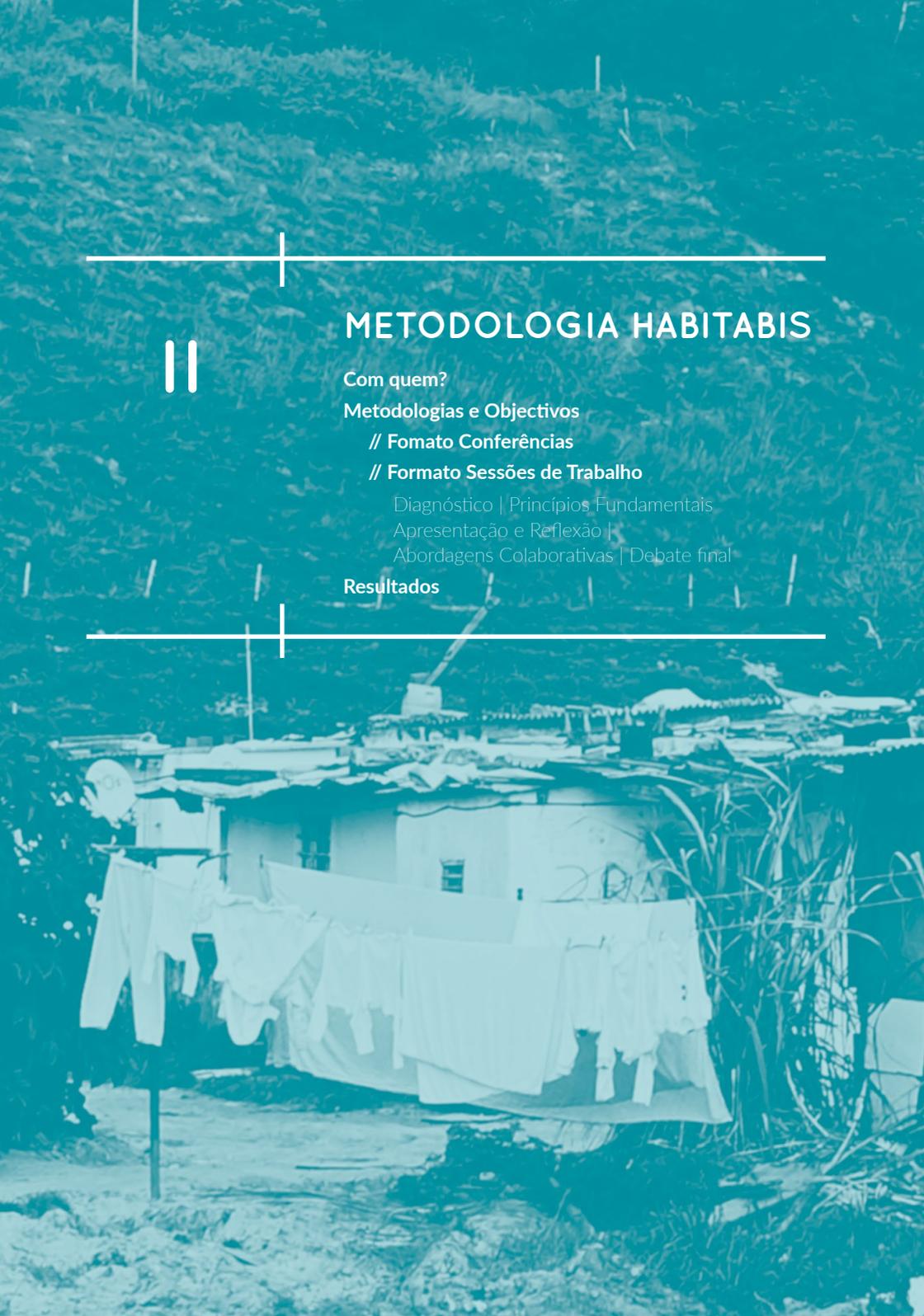
// Formato Sessões de Trabalho

Diagnóstico | Princípios Fundamentais

Apresentação e Reflexão |

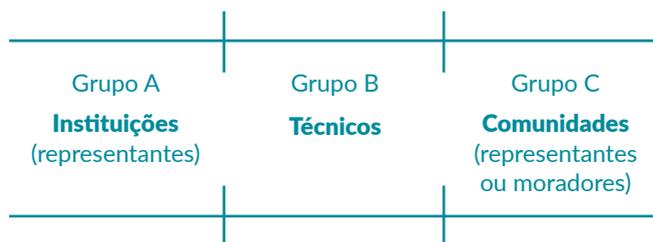
Abordagens Colaborativas | Debate final

Resultados



COM QUEM?

O **Habitabis** é uma ferramenta com uma metodologia mista que permite o máximo de partilha, colaboração e criação de novas dinâmicas durante os dias do festival, contribuindo para a construção conjunta de novos caminhos. Tem como base um formato assente na partilha directa, na colaboração horizontal e na co-construção de diagnósticos e soluções. Para que haja representatividade no público-alvo, são identificados 3 grupos:



Esta leitura dos agentes envolvidos nas temáticas abordadas no festival é importante para que todos sejam equitativamente envolvidos nos debates e nas sessões de trabalho. É também importante que neste grupos estejam representados diferentes contextos, nacionalidades, idades, género e profissões, contribuindo assim para uma maior riqueza nos contributos e experiências partilhados.

A programação do Habitabis define-se assim em dois formatos:

Formato Conferências e Formato Sessões de Trabalho.





Como? Metodologias e Objectivos

FORMATO CONFERÊNCIAS

Este é o momento de participação aberto a todo o público em geral.

Neste formato, juntam-se vários projectos, com diferentes visões, com diferentes realidades e até épocas, divulgando-os de forma aberta a todos os interessados. Pretende-se assim chegar ao cidadão comum, ao estudante de arquitectura, ao de ciências sociais ou qualquer outro potencial futuro criador de soluções, onde claro também se contemplam os jovens que habitam estes bairros e que convivem com estas realidades.

Dentro deste formato, criaram-se dois grupos de oradores. Esta divisão serve apenas para haja uma interligação mais forte entre os temas, pois ambos os grupos participam activamente em sessões de debate entre si e com a audiência presente.

CONTEXTOS INTERNACIONAIS Este primeiro grupo funciona como estímulo exterior, contaminando positivamente a audiência com exemplos e experiências e projectos diferentes do contexto nacional. Uma amostra de outras respostas a semelhantes problemáticas.

CONTEXTOS NACIONAIS Neste segundo grupo procuramos a partilha e o diálogo entre projectos e pessoas no contexto nacional. Serve ainda como “mostra” de projectos nascidos no cerne das comunidades para que provoquem empatia social e influenciem outras comunidades.





Como? Metodologias e Objectivos

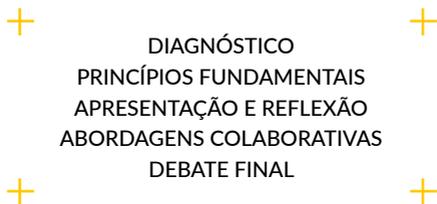
FORMATO SESSÕES DE TRABALHO

Este é o *core* do **Habitabis**. É neste formato que se potenciam sessões de trabalho inclusivas e eficientes, com base na colaboração horizontal e na troca de conhecimento peer to peer - entre pares.

Pela relevância dada à igualdade entre participantes, criam-se momentos de auscultação e participação únicos, capazes de fomentar fortes relações de entendimento e comunicação entre os participantes. Esta sensação de pertença e identificação com os grupos de trabalho é fundamental para que se consiga gerar um diagnóstico real e quantitativo nas suas diferentes visões sobre os mesmos temas. É também através destas conexões que se alcança um dos objectivos fundamentais do Habitabis, o de encurtar distâncias entre os intervenientes.

É essencial manter o grupo dinâmico e alinhado para que se consiga identificar, quantificar e enunciar dados capazes de gerar novas respostas. É nesse sentido que a metodologia do Habitabis conta com uma equipa de dinamizadores e facilitadores, que fazem também eles parte dos três grupos do público-alvo.

A dinamização destas sessões de trabalho divide-se em cinco actividades.



+ **DIAGNÓSTICO**

Pretende-se produzir um levantamento qualitativo sobre os problemas e limitações existentes nos processos de realojamento e na habitação social. Para tal é usada uma dinâmica rotativa de 4 grupos de trabalho, subdivididos por quatro temáticas em discussão:

- Direitos e Deveres / Relações
- Confrontos e Alinhamentos
- Comunidades
- Culturas / Edificado e Habitat

+ **PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS**

Nesta fase seguinte é pedida uma reflexão com base nos resultados anteriores, para que se enunciem os Princípios Fundamentais para cada um dos temas apresentados.

+ **APRESENTAÇÃO E REFLEXÃO**

Neste ponto são apresentados e escortinados os dados resultantes de cada um dos temas, para que todos os participantes tenham a informação geral e a oportunidade de expor eventuais questões ou contributos. Por fim todos os convidados, distribuem 3 votos pelos princípios enunciados, definindo assim aqueles que se revelam mais preponderantes na visão do grupo.





+ ABORDAGENS COLABORATIVAS

Nesta actividade são introduzidas *cartas temáticas*¹ em cada grupo, alinhando a discussão do grupo em prol das suas cartas escolhidas. Inicia-se neste ponto um exercício de composição final, com base nas actividades anteriores.

+ DEBATE FINAL

O debate final acontece num formato *fishbowl*² – “aquário”, permitindo que todo o grupo participe activamente na conversa. Nesta última fase são discutidos os temas iniciais, partindo da apresentação das cartas escolhidas na última actividade. Os comentários e “oradores” desta não-conferência vão sendo substituídos voluntariamente pelos “espectadores”, criando uma dinâmica que permite também a simples partilha de comentários, experiências ou visões.

+ Encerra-se com um momento final de resumo, voltando a reviver em síntese o que se trabalhou ao longo das actividades. Este momento final permite “arrumar ideias” das visões gerais do grupo, sem a pretensão de sintetizar demasiado, perdendo assim o valor do contributo individual da informação documentada ao longo das actividades.

¹ “Concebidas para inspirar a exploração de Abordagens Colaborativas em situações, iniciativas ou temas de interesse partilhado. Trata-se de uma Versão Teste disponível para exploração, actualmente composto por 22 cartas.” In www.govint.pt

² O Fishbowl é um formato de discussão em grupo que promove o diálogo e a troca de experiência entre os participantes da sessão e permite que todos tenham as mesmas chances de opinar e expressar seus pontos de vista.



RESULTADOS

Pretende-se com esta ferramenta extrair a riqueza da experiência individual e do contributo pluralista do grupo, sem correr o risco de procurar alcançar uma resposta universal. Não é objectivo do **Habitabis** extrair dos seus eventos uma “fórmula mágica” para os processos de Realojamento e Habitação Social, procurando antes criar condições para que os diferentes agentes colaborem, dialoguem e participem na construção de respostas múltiplas.

A metodologia **Habitabis** foi desenvolvida com o objectivo de ter dois tipos de resultados, que aqui classificamos como **Mensuráveis** e **Não-mensuráveis**. Esta divisão é sustentada pela relevância dada, pelo conceito Habitabis, ao fortalecimento das relações socioprofissionais entre participantes.

1ª EDIÇÃO HABITABIS



Protótipo Habítabis

Habítabis em Números

Resultados Não-Mensuráveis

Resultados Mensuráveis

// **Conclusão e Diagnóstico**

Direitos e Deveres | Relações: Confrontos e Alinhamentos | Comunidades/Culturas | Edificado e Habitat

// **Definição dos Princípios Fundamentais**

Direitos e Deveres | Relações: Confrontos e Alinhamentos | Comunidades/Culturas | Edificado e Habitat

// **Conclusão e Debate Final ... tendo como ponto de partida as Abordagens Colaborativas**

Conceitos-Chave essenciais para o desenvolvimento destes processos

***“A cidade não se governa
de uma só maneira.
Não faz sentido gerir
e governar uma cidade
sem ser com a partilha das pessoas
que fazem parte da cidade.”***

Paula Marques

Vereadora da Habitação e do Desenvolvimento Local.

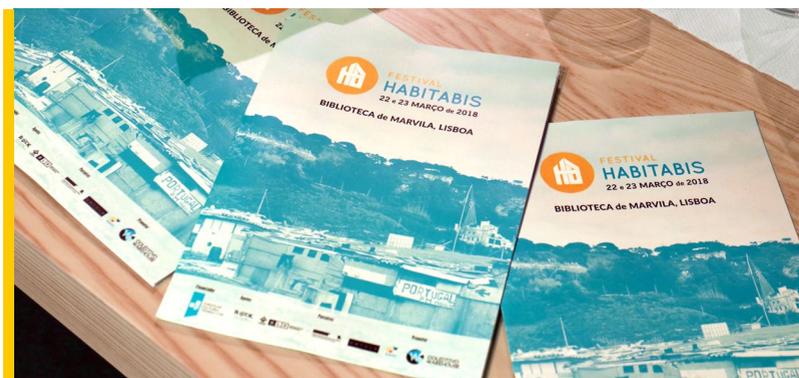
Câmara Municipal de Lisboa

PROTÓTIPO HABITABIS

De forma a poder-se testar a metodologia Habitabis – ainda no âmbito da atribuição da bolsa R&D Grant da *European Cultural Foundation* – o *Colectivo Warehouse* promoveu uma primeira Edição do *Festival Habitabis*, a 22 e 23 de Março de 2018, na Biblioteca de Marvila, Lisboa.

25 Para a realização do protótipo Habitabis foram fundamentais as parcerias com a *Câmara Municipal de Lisboa*, *BLX – Bibliotecas de Lisboa* e *ROCK project*; *Trienal de Arquitectura de Lisboa*; *Cooperativa RUMO*; e *UNTOLD – stories of places*.

Esta primeira edição contou com vários participantes e convidados que, ultrapassando o número de vagas disponíveis, superaram as expectativas da própria organização.



Como referido anteriormente, esta primeira edição teve uma intenção clara de ensaiar a aplicação do formato e da metodologia desta ferramenta de colaboração. Como território-alvo foi escolhida a Área Metropolitana de Lisboa, pela sua representatividade em processos de realojamento e habitação social e pela proximidade com redes e ligações já existentes.

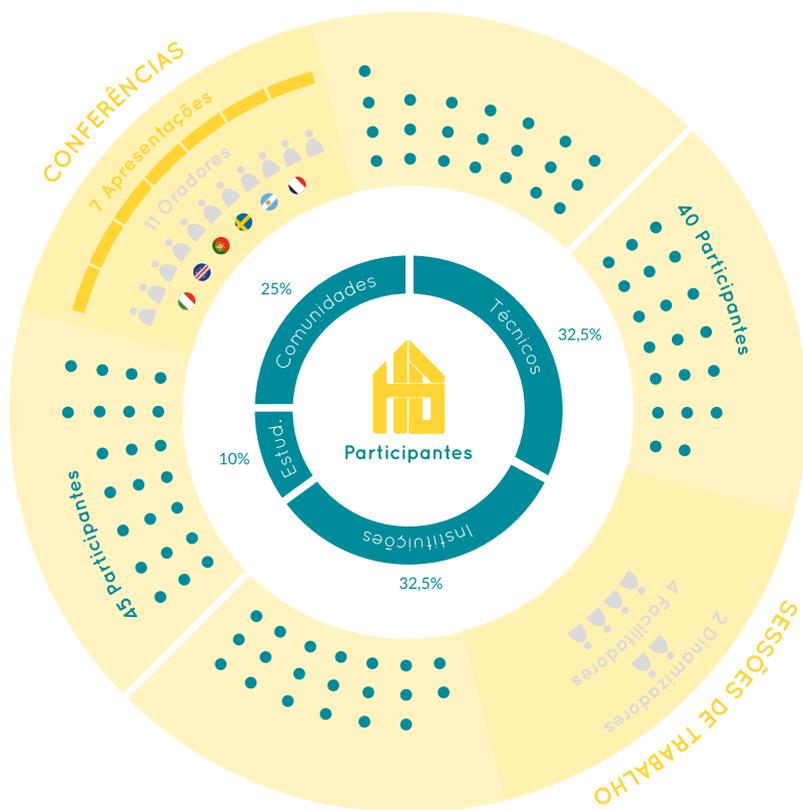
Desde o início da elaboração do programa que o **Colectivo Warehouse** procurou envolver e rodear-se do maior número de actores relevantes nestas temáticas. (Co)construiu-se assim um programa baseado nesta metodologia que procurou, maximizando os recursos disponíveis, chegar a um público alargado de municípios, instituições e comunidades.

No desenvolvimento desta fase inicial, e mais tarde enquanto facilitadores das sessões de trabalho, foram de enorme relevância os contributos da Rita Silva, Tiago Mota Saraiva e António Brito Guterres.

Já numa fase mais avançada do desenvolvimento deste evento foi também fundamental a colaboração com a **Cooperativa RUMO**, nomeadamente com a cooperação do Álvaro Cidrais, peça fundamental no melhoramento e alinhamento das actividades que a metodologia **Habitabis** utilizou neste protótipo.

HABITABIS EM NÚMEROS

27



RESULTADOS NÃO-MENSURÁVEIS

Estiveram envolvidas nesta primeira edição mais de 100 pessoas, através da sua participação, no seu desenvolvimento ou através de outra forma de contribuição. Neste sentido os resultados obtidos não se resumem apenas a princípios fundamentais ou às conclusões mais cartesianas presentes neste documento.

29

As comunidades envolvidas, os técnicos, as instituições e as entidades presentes no festival, absorveram as metodologias do Habitabis retirando importantes conexões, conhecimento e recursos no âmbito das temáticas da habitação social e do realojamento. Indirectamente isto resulta na influência directa dos cidadãos e decisores políticos destes territórios.

Um dos exemplos deste tipo de resultados foi a contribuição do **Habitabis** para a nova Lei de Bases, num melhor entendimento da importância da existência do direito ao realojamento, agora presente neste documento. Este *feedback* da Deputada Helena Roseta, presente no Habitabis, é um bom exemplo da capacidade de influenciar a opinião e conhecimento das instituições decisoras sobre estas temáticas, reconhecendo os seus dirigentes que esta metodologia os ajudou a um melhor entendimento das problemáticas, das prioridades e lutas dos Bairros Sociais e Bairros Informais.

De uma forma mais geral, esta metodologia permite também a todos os grupos envolvidos o entendimento de que nenhuma das partes possui o co-



nhecimento total sobre o tema, e que apenas através de metodologias de colaboração e participação podem criar respostas inclusivas.

Provou-se assim que, conectando pessoas, encurtando distancias e criando o espaço para ouvir e ser ouvido, se promove uma ferramenta poderosa de empoderamento de todos os actores envolvidos nestes processos.



RESULTADOS MENSURÁVEIS

Conclusão e Diagnóstico

DIREITOS E DEVERES

31

PROBLEMAS

Processo de realojamento rápido, não participativo;
Pessoas despejadas sem alternativas habitacionais;
Gestão habitacional: encontros entre direitos e deveres de todos os actores;
Expectativas maiores das pessoas dos bairros do que da restante população;
Perda de relações/vivências (*no processo de realojamento*);
Paternalismo.

+

FACTORES CRÍTICOS

Identificar direitos e deveres de todos os actores envolvidos (*há incumprimentos de parte a parte*);
Embora haja direitos e deveres, o ponto de partida é distinto (*é um processo*);
É necessário ter um olhar crítico;
Organização e mobilização das pessoas (*luta*);
Forma: como se produz a cidade? (*desenho urbano*).

+

SOLUÇÕES

Processo participativo e negociação;
Diversidade;
Respeito e promoção da identidade cultural;
Autonomia financeira da comunidade.



RELAÇÕES: CONFRONTOS E ALINHAMENTOS

PROBLEMAS

Hierarquias;
Identificação e denominação de *bairro ilegal* e *habitação social* como estigma;
Falta de mediação;
Relação conflitual entre individualidade e colectividade;
Falta de tempo no desenvolvimento do processo;
Existência de processos *top-down*;
Relação entre *know-how* técnico e necessidades reais dos moradores.

+

FACTORES CRÍTICOS

Presença de um terceiro actor:
cidade – ONG – moradores;
Gestão do espaço público nos bairros;
Necessidade de pôr o foco na voz dos indivíduos;
necessidade de uma presença física e continua.

32

+

SOLUÇÕES

Aprofundar as relações entre indivíduos e outros actores académicos;
Aplicação de métodos práticos;
Trabalhar o assunto básico da habitação;
Encontrar pontos fundamentais colectivos;
Voltar a trabalhar a pequena escala no social;
Criação de um espaço para a experimentação profissional.

COMUNIDADES/CULTURAS

PROBLEMAS

Estrutura;
Perda de identidade social;
Falta de comunicação entre a comunidade;
Premissa do *ghetto* mental e físico na reciprocidade dos preconceitos;
Falta de acompanhamento no realojamento (*meios de produção*);
Imposição de modelos à comunidade;
Ouvir não é participação.

+

FACTORES CRÍTICOS

Dispersão no momento de discutir políticas de realojamento;
Luta contra à pobreza;
Exclusão;
Imposição de modelos culturais;
Percepção do eu e a visão do outro de mim;
Discriminação.

+

SOLUÇÕES

Dotar as comunidades de autonomia;
Consolidar os meios de produção locais;
Apostar na formação cívica;
Pensar um modelo de bairro social que não pareça social.



EDIFICADO E HABITAT

PROBLEMAS

O que é o *Habitat*?
Presença de *habitats diferentes*;
Especificidade e complexidades das necessidades;
Desvalorização da identidade do outro;
Território.

+

FACTORES CRÍTICOS

Desenho;
Qualidade de construção;
Estética;
Espaço público;
Isolamento dos bairros;
Fronteira de preconceitos;
O que se fala do bairro e como;
Relações entre o bairro e o poder público;
Quem quer viver num bairro?
O que fazer com o que existe?

+

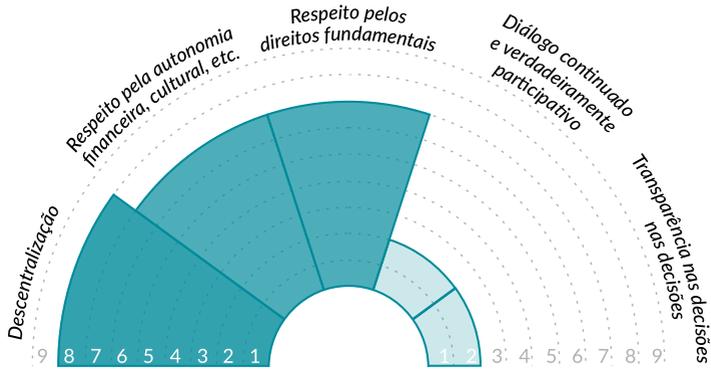
SOLUÇÕES

Não dissociar a habitação da propriedade fundiária;
Não se deve limitar à *entrega da chave*;
Oferecer soluções estáveis;
Haver um pré-diagnóstico participativo;
Maior investimento, aposta na qualidade do desenho e construção;
Co-gestão, gestão partilhada;
Incorporar práticas pré-existentes no bairro;
Deixar margem para a apropriação;
Saber ouvir, saber ceder;
Direito ao lugar;
Co-produção e transformação.

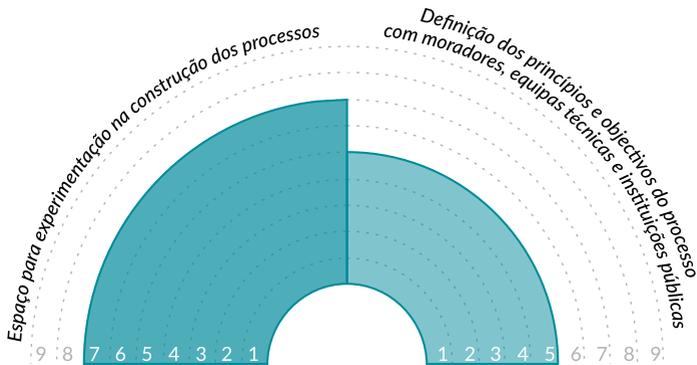


Definição dos Princípios Fundamentais

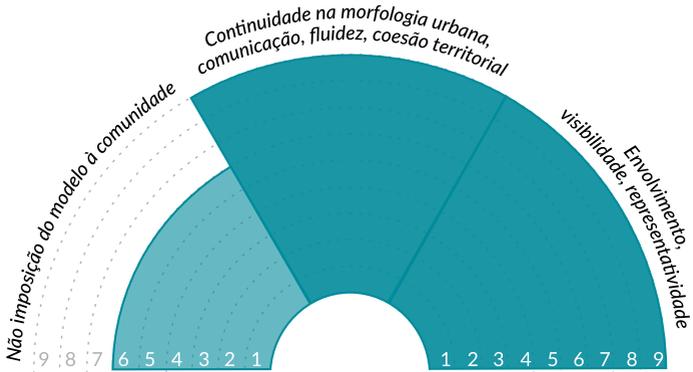
DIREITOS E DEVERES



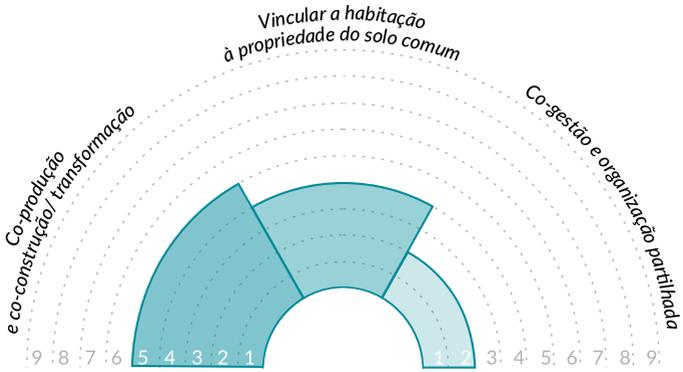
RELAÇÕES: CONFRONTOS E ALINHAMENTOS



COMUNIDADES/CULTURAS



EDIFICADO E HABITAT



Conclusão dos Conceitos-Chave ... tendo como ponto de partida as Abordagens Colaborativas

COMPROMISSO

« É importante existir um compromisso de parte a parte e assumir os compromissos de parte a parte. Como é que são estes compromissos? Existe uma transparência para que eles sejam cumpridos, sejam assumidos de parte a parte? »

« Como é que mantemos a energia no processo, quando este pressupõe um tempo tão grande e um compromisso de todas as partes? »

« Sendo que estes processos são complexos e precisam de tempo e compromisso, como é que tentamos respeitar o tempo e ter esta motivação e compromisso? »

38



COMUNICAÇÃO

« Eles vêm com comunicados, não vêm comunicar. E isto significa alguma coisa.(...) isto é um *top-down*. »

« Como é que a comunicação entre “alto” e “baixo”, pode ser uma comunicação na lógica da transparência, uma comunicação clara das ferramentas, dos programas, das intenções das pessoas que estão a trabalhar num destes processos? »

« Toda a gente sabe que a comunicação é fundamental, para tudo. Tivemos num encontro com a Secretaria de Estado da Habitação para falar sobre o problema. A Câmara Municipal da Amadora nunca tinha falado com um membro associativo, mas a partir do momento que falamos com ela, alguma coisa aconteceu e agora já são eles que querem falar connosco para criar soluções. »



COMUNICAÇÃO > PROXIMIDADE AFECTIVA

« Como é que se constrói proximidade afectiva? As comunidades conseguem organizar-se e construir poder se existir uma colaboração, uma confiança mútua. »

« Esta particular contingência (crise na Habitação) contribuiu para a criação redes de solidariedade e de luta comum entre pessoas que antes pensavam que os próprios caminhos de vida fossem completamente diferentes, quase que não se conheciam. Então, o que acontece neste momento é a criação de uma comunidade de entreatajuda ou talvez só de interesse partilhado. »

40

COMUNICAÇÃO > CONFIANÇA

« O estado não tem confiança nas populações que residem nestes bairros, e por isso levam sempre mediadores de fora (...) em vez de reforçarem as competências das comunidades locais que poderiam elas próprias serem os mediadores na negociação com o exterior por conhecimento de causa. »

COMUNICAÇÃO > EMPATIA

« De que forma é que a empatia pode ser discriminatória? Por um lado a ideia de empatia remete para um facilitismo dentro dos processos. Por o outro, esse facilitismo seria injusto. »

« (...) a ideia é que os processos sejam mais justos e equilibrados, garantindo o direito a todos, de forma igual, e que não tenham como base as emoções que um determinado técnico ou uma determinada pessoa possa sentir. »

41

COMUNICAÇÃO > VISIBILIDADE

« Estes processos agora são mediáticos porque os “brancos” também estão a sofrer na pele as situações de despejo e de rendas de exclusão. Se assim não fosse as outras comunidades, as outras etnias e as outras populações não estavam a ter esta visibilidade. Ainda assim esta visibilidade comum dá frutos às comunidades excluídas, no sentido em que estas passam a ser ouvidas. »



CONTEXTO

« A importância do contexto e do lugar da comunidade, mas também do contexto político actual; um contexto político não só local, mas nacional em termos de política de decisão, das leis. É importante conjugar estes factores num contexto em várias escalas. »

« Temos que ter consciência de que os bairros onde trabalhamos ou que conhecemos são todos muito diferentes e têm qualidades muito próprias. Se partimos do pressuposto que é tudo mais ou menos igual, estamos a cometer o erro da generalização. Mesmo estando a falar de uma coisa particular que é a habitação em Portugal, na área de Lisboa. »

42

CONTEXTO > POLÍTICA

« Acho que nunca se pode discutir isto sem ter em mente que há interesses diferentes, forças e dinâmicas que têm uma dimensão política muito forte. E acho que hoje em dia as questões da terra e da habitação são centrais para muitos processos financeiros, imobiliários, políticos. »

ENERGIA

« A energia das pessoas vai-se esvaindo à medida que os processos se tornam cada vez mais violentos. De que forma é que essa retirada de energia está relacionada com uma retirada de poder? »

« Estes despejos (Casal da Boba) criaram uma grande destabilização, enfraqueceram a comunidade, enfraqueceram a energia que vinha com esta comunidade. É preciso refortalecer e criar novas energias para construir uma nova energia colectiva. »

« É importante que nos apercebamos do papel que cada um tem, e se temos a energia para mudar estes processos. »

ENERGIA > LUTA

« De que forma é que a luta e as acções deveriam ser operacionalizadas e qual é o retorno dessas acções? »

« A luta vai ter que se reinventar em si mesma. Porque nós caímos no risco de sermos apenas reactivos. Seja de esquerda, direita, de centro, de cima, de baixo (...). A comunicação social deturpa muito facilmente estas reacções. (...) são reacções que realmente têm uma causa justa, mas que é muito fácil ridiculizar. E o facto de serem ridiculizadas é perigosíssimo. »



« Como é que se pode criar um governo de responsabilidades? De que forma é que uma luta individual passa depois para o colectivo e por fim como é que o colectivo consegue gerar uma estrutura? De que forma é que estas lutas podem ser operativas para a construção de uma sociedade mais inclusiva?» »

ENERGIA > ACÇÃO

« É importante que as coisas saiam da teoria e do estudo, que sejam produzidas coisas. A importância da produção e da articulação. »

44

ENERGIA > CATALISADORES

« A importância dos catalisadores, catalisadores podem também actuar a vários níveis, dentro destas comunidades, na economia local, com instrumentos de diálogo e de dinâmicas nas várias fases. »



PARTICIPAÇÃO

« Acho que é importante que nos apercebamos dos diferentes graus de participação e o que é participação e envolvimento. São duas coisas bastante diferentes. É preciso estar tudo ao mesmo tempo durante todo o processo. »

PARTICIPAÇÃO > QUADRO DE REFERÊNCIA

« Se fosse construído um quadro de referência dentro da comunidade, para a comunidade e da própria comunidade, esse quadro de referência poderia criar compromissos que a iriam empoderar na sua relação com o exterior. »

PARTICIPAÇÃO > MONITORIZAÇÃO

« Não se deve limitar tudo à entrega da chave. Porque o facto de se entregar uma chave significa que se está a iniciar um novo ciclo, não se terminou só o ciclo anterior. »

« Quando alguém recebe uma casa nova, significa que há uma família que vai estar num sítio novo. (...) tem de existir um momento de monitorização quer por parte da classe política (...), quer por parte do terceiro sector (...), quer por parte do segundo sector, do sector privado, num exercício da responsabilidade social. »



PARTICIPAÇÃO > LIDERANÇA

« A liderança é um pouco oposta a questão da participação, mas as lideranças são importantes nos processos; podia inclusive enumerar nomes de pessoas dos bairros que foram fundamentais (em processos passados) pela sua capacidade individual. Mas as lideranças ao mesmo tempo são inimigas destes processos porque por vezes aumentam a dificuldade de estabilizar estes assuntos. »

PODER

« (...) como é que estas comunidades, estas populações, podem realmente ter mais poder, ter mais autonomia, estar menos dependentes do poder local? Como é que elas podem decidir sobre o seu próprio futuro numa forma activa (...)? »

« Como é que se constroem as relações de poder entre as instituições e a população, as comunidades? Há duas maneiras de construir esta relação: uma é a revolução, subvertendo o sistema. A outra é fazer parte de discussões, debates, conversas, tentando encontrar compromissos. »
(esfera de influências)

PODER > AUTONOMIA

« O que é que quero para mim como cidadão? (...) Quero ser autónomo. Autónomo culturalmente, autónomo judicialmente, (...) quero ser autónomo financeiramente. »

TEMPO

« Neste momento é muito importante um investimento no tempo; (...) o respeito pelos tempos que as coisas e os processos requerem, pela natureza das diferentes situações, pela natureza das pessoas que lá vivem. »

« Como é que nós respeitamos este tempo? Como é que isso é financiado? Como é que isso envolve as pessoas? Como é que as pessoas que têm a sua vida privada começam a trabalhar numa coisa paralela onde despendem muito tempo e energia? »

47

TRANSPARÊNCIA/DIREITO

« O objectivo é termos todos os mesmos direitos, mesmo tendo uma situação de desigualdade à partida. »

« Os processos não são transparentes e a falta de transparência retira poder aos actores, nomeadamente às populações com fracos recursos. »

« Havendo mais transparência, há mais empoderamento, e havendo mais empoderamento há mais equidade, há mais justiça. »

« Ainda bem que estes processos acontecem para trazer à superfície fenómenos, processos e situações absolutamente precárias. »



A landscape photograph of a hillside with a house and trees, overlaid with a white grid and the text 'IV FUTURO'. The image shows a hillside with a house and trees, overlaid with a white grid and the text 'IV FUTURO'. The grid consists of two horizontal lines and a vertical line, creating a frame around the text. The background is a photograph of a hillside with a house and trees.

IV

FUTURO

“Vou voltar ao trabalho a saber que tenho de arranjar forma de incluir (na Lei de Bases da Habitação) o Realojamento como Direito Fundamental. Não tínhamos ainda visto a questão dessa forma.”

Helena Roseta

Deputada, Grupo Parlamentar para a Lei de Bases da Habitação

Após este primeiro protótipo o **Colectivo Warehouse** pretende melhorar esta ferramenta de colaboração e disseminação, o **Habitabis**, procura do que se materialize noutras edições para que chegue a mais pessoas e para que contribua para processos mais inclusivos no planeamento, criação e gestão da Habitação Pública, focados acima de tudo em quem nela habita.

Com esta metodologia o **Colectivo Warehouse** intenta também criar uma base de dados que junta o empírico ao académico, da visão do técnico municipal ao morador do bairro. Um aglomerado de informação em constante mutação, adaptando-se aos contextos e às problemáticas, disponibilizada em *opensource*, servindo de ferramenta urbana e social de apoio a estes processos.







Lisboa, Agosto 2018